

INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

FERNANDO LUIZ E. VIANA

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção, Doutor em Administração
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB

Resumo: A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos, importância esta que é ainda maior no Nordeste, em comparação com o agregado nacional. O desafio para as empresas do setor tornou-se encontrar maneiras de crescer em conexão com as mudanças no padrão de decisão de compras e do comportamento dos consumidores, que envolve a busca por produtos associados à saúde e bem-estar, busca por canais alternativos de compras (valorizando a comodidade), aspectos éticos (incluindo transparência e sustentabilidade) e experiência. Para lidar com a dificuldade de participação no mercado e manutenção das margens em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção e maior eficiência de gestão. Apesar das dificuldades enfrentadas pelo setor, as vendas de alimentos embalados no Brasil, em reais (valores deflacio-

nados a preços de dez/2019), devem crescer 18,4% entre 2020 e 2024, o que representa um crescimento de 3,4% ao ano. Apesar dessa perspectiva de crescimento, permanecem algumas preocupações importantes para a indústria de alimentos brasileira, especialmente em termos de progresso em relação à regulação. O Nordeste detém 21,7% dos estabelecimentos e 18,2% do emprego formal do setor, e possui algumas empresas que se destacam no mercado nacional, como o Grupo M Dias Branco, que tem se consolidado no grupo dos 10 maiores empresas de alimentos do Brasil, em termos de participação no mercado. A pandemia do COVID-19 trouxe desafios adicionais às empresas da indústria de alimentos, com maiores impactos nos segmentos que produzem alimentos com alto nível de consumo no chamado mercado “on-trade”, que inclui bares, restaurantes, hotéis, cafés etc., pois tais pontos de venda estão sendo proibidos de funcionar na maioria das grandes cidades brasileiras em função da necessidade de isolamento social.

Palavras-chave: Indústria de Alimentos; Alimentos Embalados

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de alimentos, que dentro da indústria de transformação, constitui um dos setores que abrange a maior quantidade de grupos e, por conta disso, apresenta certa heterogeneidade de características entre os grupos. É importante salientar que, devido à heterogeneidade supracitada e às especificidades de alguns grupos, esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de alimentos, entretanto, traz detalhes mais específicos das atividades que compõem os seguintes grupos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 10.3 (Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais), 10.4 (Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais), 10.5 (Laticínios), 10.6 (Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais), 10.8 (Torrefação e moagem de café) e 10.9 (Fabricação de outros produtos alimentícios). Os demais grupos serão contemplados por análises específicas.

A indústria de alimentos engloba grande diversidade de produtos, possuindo forte inter-relação com a agricultura e a pecuária, tendo em vista que esses setores constituem os fornecedores dos principais insumos utilizados nessa indústria. Devido aos insumos utilizados a partir da agropecuária, a indústria de alimentos possui sazonalidade da produção vinculada à sazonalidade da oferta de seus insumos. Além das relações com a agropecuária, a indústria de alimentos estabelece, assim como outros setores da indústria de transformação, relações com canais de distribuição, indústrias de embalagens, máquinas e equipamentos, entre outras.

A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação – ABIA (2020a), a indústria de alimentos brasileira faturou, em 2018, R\$ 528,3 bilhões, o que é equivalente a 7,7% do PIB brasileiro daquele ano e 19,5% do valor bruto da produção (*Proxy* do PIB) da indústria de transformação. Já em 2019, O agregado das indústrias de alimentos e bebidas (também chamado de indústria de alimentação), teve faturamento de R\$ 699,9 bilhões, crescimento de 6,7% em relação a 2018 (ABIA, 2020b).

Em termos mundiais a indústria de alimentos também tem importância significativa em diferentes países, sendo líder em vendas entre as chamadas indústrias de bens de consumo rápido (*fast-moving consumer goods*) (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2018). Por conta dessa importância, é cada vez maior a presença de *players* globais nos principais mercados, *players* estes que têm buscado aumentar sua participação no mercado por meio de fusões e aquisições. Nos últimos anos, o setor tem mantido crescimento nas vendas, mas em níveis relativamente baixos. As vendas globais de alimentos embalados (em valor) cresceram 1,6% em 2019, nível semelhante ao do ano anterior. Essa indústria está em constante desenvolvimento, apesar de alguns fatores políticos e econômicos que trouxeram

impacto negativo ao setor, como o baixo crescimento econômico na América Latina, as políticas protecionistas dos EUA e o Brexit (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2020). Os alimentos básicos representaram a maior parte desse desempenho positivo geral, o que deve se manter de acordo com as perspectivas de crescimento até 2024.

Nos últimos anos tem havido uma mudança no que os consumidores estão gastando, que sinalizam algumas tendências (conforme será discutido adiante), com impactos na evolução da participação das diferentes empresas no mercado. O desafio para essas empresas tornou-se encontrar maneiras de crescer em conexão com as mudanças no padrão de decisão de compras dos consumidores e do comportamento dos mesmos. Historicamente, os consumidores tomam decisões de compra com base em sabor, preço e conveniência, conhecidos como “fatores tradicionais” na decisão de compra de produtos alimentícios. Entretanto, atualmente os consumidores têm dado maior peso a outros fatores na sua decisão de compra, o que traz novos desafios e oportunidades para a indústria de alimentos. Entre esses novos fatores, destacam-se saúde e bem-estar, busca por canais alternativos de compras (valorizando a comodidade), aspectos éticos (incluindo transparência e sustentabilidade) e experiência.

Desenvolvimentos em tecnologia, regulamentação e requisitos de consumo em constante evolução mudaram as regras do jogo para empresas de alimentos. Destaca-se, também, que a indústria de alimentos está enfrentando vários desafios regulatórios e de conformidade relacionados à composição dos alimentos, à comercialização de alimentos e à rastreabilidade, desde o fornecimento de ingredientes até o consumidor final. Por exemplo, as tendências alimentares, como a vegana, a vegetariana e a orgânica, exigem novas regulamentações para garantir condições equitativas para todos os produtores de alimentos e evitar que os consumidores sejam induzidos em erro. Além disso, as regulamentações em torno do rótulo da embalagem ou do país de origem aumentam a transparência em relação aos produtos alimentícios (KÜSTER; FOLEY; CHASEN, 2018).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional, especialmente porque diversas empresas multinacionais do setor alimentício com origem em outros países atuam no Brasil. Além disso, algumas empresas com capital nacional, pertencentes à indústria de alimentos, possuem forte viés de internacionalização, com importantes mercados localizados fora do País.

De acordo com Euromonitor International (2019), o mercado brasileiro de alimentos embalados é grande e complexo, com dinâmicas divergentes que devem ser analisadas com cuidado. Apesar de o mercado brasileiro de alimentos ser muito fragmentado, empresas multinacionais detêm as quatro primeiras posições em vendas

em 2019, em se tratando de alimentos embalados, nessa ordem: Nestlé, Groupe Lactalis, Mondelez Internacional e PepsiCo. O grupo brasileiro mais bem posicionado no mercado nacional é a BRF Foods (5ª posição). Em termos regionais, destaca-se o grupo cearense M Dias Branco, que detém a 8ª posição em termos de participação no mercado, à frente de empresas como Bunge e Cargill. Em comparação com o mercado mundial, entre as cinco pri-

meiras posições em termos de participação no mercado, as mudanças são as entradas da Danone e da Kraft Heinz nesse ranking, com a saída da Lactalis e da BRF Foods, bem como mudanças na ordem das empresas. O quadro 1 apresenta a relação das 10 empresas com maiores participações de mercado no mundo e no Brasil, bem como as respectivas fatias do mercado (%) em 2019.

Quadro 1 – Ranking de participação de mercado (%) das dez principais empresas fabricantes produtos alimentícios embalados no Mundo e no Brasil, em 2019

Posição	Mundo		Brasil	
	Empresa	Participação (%)	Empresa	Participação (%)
1	Nestlé S/A	2,60	Nestlé S/A	6,20
2	PepsiCo Inc.	2,10	Lactalis, Groupe	4,00
3	Mondelez International Inc.	1,70	Mondelez International Inc.	3,30
4	Danone, Groupe	1,30	PepsiCo Inc.	2,40
5	Kraft Heinz Co.	1,30	Brf Brasil Foods S/A	2,10
6	Unilever Group	1,20	Unilever Group	2,00
7	Mars Inc.	1,20	Danone, Groupe	1,90
8	Lactalis, Groupe	0,90	M Dias Branco S/A Indústria e Comércio de Alimentos	1,90
9	Ferrero & related parties	0,80	Bunge Ltd.	1,60
10	Inner Mongolia Yili Industrial Group Co Ltd	0,80	Cargill Inc	1,50

Fonte: Euromonitor International (2020), (2019).

Para lidar com a dificuldade de participação no mercado e manutenção das margens em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção e maior eficiência de gestão. A seção seguinte apresenta o desempenho recente da indústria de alimentos no Brasil

2 DESEMPENHO RECENTE

Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da

indústria de alimentos, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

2.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados do IBGE (2020a, 2020b) referentes ao período 2015-2019 mostram um crescimento acentuado na produção da indústria de alimentos (em toneladas) entre 2015 e 2017 (Tabela 1), ano a partir do qual se observa certa estabilidade, com pequena queda em 2018 e retomada do crescimento em 2019.

Tabela 1 – Evolução da produção (em toneladas)¹ da indústria de alimentos brasileira: 2015-2019

CLASSE CNAE	2015	2016	2017	2019	2019
Fabricação de conservas de frutas	2.622.506	2.515.302	5.431.950	4.242.353	5.527.786
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	1.235.358	1.349.416	1.266.385	989.047	1.288.728
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	3.391.247	3.399.375	3.755.096	2.932.730	3.821.347
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	31.643.185	32.060.900	36.700.050	38.975.453	38.507.748
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	3.177.520	3.489.745	4.266.797	4.271.064	4.318.045
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.436.769	1.796.113	1.771.923	1.738.256	1.720.874
Preparação do leite (Mil litros)	9.640.671	8.827.323	9.362.912	9.437.815	9.381.188
Fabricação de laticínios (Toneladas)	4.865.153	5.770.391	6.099.177	6.147.970	6.111.083
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.450.221	1.306.897	1.333.986	1.344.658	1.336.590
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	497.587	338.206	467.264	471.002	468.176
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.889.113	7.640.929	7.841.276	7.856.959	7.864.816

CLASSE CNAE	2015	2016	2017	2019	2019
Moagem de trigo e fabricação de derivados	10.121.072	10.699.278	11.565.217	11.276.087	10.813.767
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	217.601	258.903	225.750	215.817	218.407
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	2.882.739	3.181.351	2.982.730	2.851.490	2.885.708
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.786.063	3.030.764	3.084.966	2.949.227	2.984.618
Fabricação de alimentos para animais	24.685.516	28.158.305	31.791.817	30.392.977	30.757.693
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	697.948	522.617	333.481	318.808	322.634
Torrefação e moagem de café	617.346	677.540	772.878	800.702	813.513
Fabricação de produtos à base de café	117.889	131.870	144.511	149.713	152.109
Fabricação de produtos de panificação	1.621.963	1.552.431	1.829.487	1.834.975	1.847.820
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.870.380	1.862.169	1.917.405	1.923.157	1.936.619
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.572.391	1.606.036	1.634.708	1.639.612	1.651.089
Fabricação de massas alimentícias	1.730.366	1.751.005	1.970.092	1.976.002	1.989.834
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	1.361.210	1.421.567	1.459.702	1.464.081	1.474.330
Fabricação de alimentos e pratos prontos	157.938	167.471	160.775	161.258	162.386
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	3.389.695	3.373.817	3.580.957	3.591.700	3.616.842
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	399.669	379.180	445.817	447.154	450.285
Total em Toneladas	107.197.309	113.356.126	127.299.298	126.237.710	127.434.624
Total em Milhares de Litros	14.881.808	13.912.775	14.897.811	14.162.357	14.989.410

Fonte: IBGE (2020a, 2020b)². Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2015 a 2017 da PIA Produto. Dados de 2018 e 2019: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

Entre as classes de alimentos que mais cresceram a produção no período, destaca-se a fabricação de conservas de frutas (194%), fabricação de conservas de legumes e outros vegetais (111%), fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho (36%), torrefação e moagem de café (32%) e fabricação de produtos à base de café (29%). A produção de alimentos medida em milhares de litros, que abrange primordialmente a preparação do leite e a fabricação de alguns laticínios, apresentou crescimento insignificante de 1%.

É importante ressaltar que o forte crescimento observado entre 2016 e 2017 (12,3%) deve ser visto com ressalvas, pois se trata de um fenômeno que vem se repetindo com os dados de produção da PIA Produto em outros setores, possivelmente em função de mudanças na amostra pesquisada entre os anos consecutivos.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados do IBGE mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção.

Tabela 2 – Evolução das quantidades vendidas (em toneladas)¹ da indústria de alimentos brasileira: 2015-2019

CLASSE CNAE	2015	2016	2017	2019	2019
Fabricação de conservas de frutas	2.309.524	2.391.254	2.800.488	2.187.181	2.849.897
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	1.206.001	1.323.253	1.228.013	959.078	1.249.679
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	2.988.664	2.957.284	3.119.939	2.436.672	3.174.984
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	28.805.935	28.345.793	30.302.276	32.181.017	31.794.845
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	2.422.742	2.089.164	2.878.218	2.881.096	2.912.788
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	938.527	1.088.667	1.087.033	1.066.379	1.055.716
Preparação do leite (Mil litros)	7.435.672	7.179.025	7.613.012	7.673.916	7.627.873
Fabricação de laticínios (Toneladas)	3.444.021	4.456.978	4.956.009	4.995.657	4.965.683
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.179.417	1.018.726	1.186.027	1.195.515	1.188.342
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	468.939	301.902	451.429	455.040	452.310
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.143.175	7.434.313	7.494.804	7.509.794	7.517.303
Moagem de trigo e fabricação de derivados	9.173.316	9.494.812	9.735.038	9.491.662	9.102.504
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	176.975	208.939	186.668	178.455	180.596
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	2.623.169	2.829.987	2.725.966	2.606.023	2.637.296
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.540.571	2.724.936	2.767.521	2.645.750	2.677.499
Fabricação de alimentos para animais	11.472.075	11.151.874	11.521.755	11.014.798	11.146.975

CLASSE CNAE	2015	2016	2017	2019	2019
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	650.230	479.046	302.558	289.245	292.716
Torrefação e moagem de café	608.247	647.008	752.933	780.039	792.519
Fabricação de produtos à base de café	82.576	88.948	95.601	99.043	100.627
Fabricação de produtos de panificação	1.401.576	1.339.366	1.652.383	1.657.340	1.668.942
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.444.670	1.399.935	1.595.040	1.599.825	1.611.024
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.141.908	1.210.680	1.358.675	1.362.751	1.372.290
Fabricação de massas alimentícias	1.536.034	1.588.299	1.681.460	1.686.504	1.698.310
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	1.160.716	1.318.059	1.355.372	1.359.438	1.368.954
Fabricação de alimentos e pratos prontos	104.480	105.260	99.070	99.367	100.063
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	3.109.857	3.061.945	3.190.002	3.199.572	3.221.969
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	388.709	407.049	454.910	456.275	459.469
Total em Toneladas	83.965.264	85.080.418	90.218.312	90.305.055	90.770.506
Total em Milhares de Litros	11.992.462	11.562.084	12.373.888	11.762.378	12.450.667

Fonte: IBGE (2020a, 2020b)². Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2015 a 2017 da PIA Produto. Dados de 2018 e 2019: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

O aumento das vendas no período foi menor que o da produção, mas algumas classes de alimentos também apresentaram taxas de crescimento significativas para as vendas no período. Destacam-se as classes fabricação de conservas de frutas (23%), fabricação de laticínios (em toneladas) (44%), torrefação e moagem de café (30%) e fabricação de produtos à base de café (22%). O crescimento das vendas de laticínios pode ser associado à busca por produtos cujo consumo está associado à comodidade/conveniência, mesmo nas classes mais baixas de renda.

Sobre o desempenho da indústria de alimentos e o mercado de consumo de produtos alimentícios embalados no Brasil em 2019, Euromonitor International (2019) afirma que, apesar da fragilidade política e da lenta recuperação econômica em 2019, níveis mais altos de emprego e renda disponível resultaram no aumento da confiança do consumidor, incentivando um retorno gradual aos hábitos de gastos anteriores. Observa-se uma crescente tendência de *premiumização* o que ajuda a impulsionar não apenas o volume, mas valorizar o crescimento nas vendas de alimentos embalados. Como os consumidores em massa buscam valor pelo seu dinheiro e os mais abastados buscam produtos premium e de alta qualidade, tanto os *players* do mercado menores, como os maiores, responderam oferecendo inovação intensiva e otimização de produtos, principalmente em lanches/petiscos (*snacks*) e laticínios. Em 2019 as vendas de produtos alimentícios embalados totalizaram R\$ 350,12 bilhões, distribuídas entre ingredientes e temperos para refeições (11,6%), laticínios e produtos alternativos (26,8%), lanches/petiscos (*snacks*) (22,5%) e alimentos básicos (39,0%).

Com os consumidores levando uma vida cada vez mais ocupada, houve uma demanda crescente por produtos convenientes no final do período em análise. As tendências de saúde e bem-estar também permanecem

essenciais, e a crescente demanda por alimentos saudáveis e convenientes resultou em categorias como barras de proteínas e saladas preparadas, apresentando fortes taxas de crescimento. Em resposta às novas regulamentações de rotulagem e para atender às demandas dos consumidores, as empresas estão sendo forçadas a reformular seus produtos e a oferecer produtos mais saudáveis e de melhor qualidade. Enquanto empresas menores e marcas próprias estão ganhando participação, os principais players devem inovar para permanecerem relevantes na mente de consumidores cada vez mais investigativos e preocupados, enquanto ainda atendem à sensibilidade dos consumidores em massa a preços e demanda por promoções. As demandas contrastantes de diferentes grupos de consumidores também afetam a maneira como os varejistas reagem e reforçam a necessidade de uma presença em canais diversos (*omnichannel*) (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2019).

Além das análises efetuadas acerca do comportamento da produção e das vendas da indústria de alimentos brasileira, para se entender o comportamento da demanda total, é essencial a avaliação do comércio internacional de produtos alimentícios.

Considerando-se apenas os produtos que se enquadram nas classes CNAE da indústria de alimentos que compõem o presente estudo, observa-se certa instabilidade do comportamento das exportações no período 2015-2019, com queda importante entre 2015 e 2016, seguida de oscilação. É importante destacar que alguns dos principais segmentos exportadores que compõem a indústria de alimentos (por exemplo, agroindústria da carne e do frango) não estão no escopo da presente análise. Por conta da oscilação citada, as exportações (em US\$ mil FOB) entre os anos de 2015 e 2019 tiveram queda de 5,2%, conforme pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 – Exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2010-2019⁽¹⁾

Classes CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de conservas de frutas	341.013	356.205	432.784	513.659	459.376
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	24.543	28.315	34.932	66.614	30.931
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	2.050.335	2.105.151	2.143.755	2.352.227	2.110.092
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	6.967.808	6.073.948	5.952.761	7.726.552	6.499.169
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	227.600	171.579	229.344	134.067	137.836
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	48.224	25.717	22.091	20.343	27.030
Preparação do leite	54	1.519	108	398	1.432
Fabricação de laticínios	319.726	173.396	113.428	58.492	56.688
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	434	872	412	943	2.649
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	300.409	199.470	214.023	275.226	293.425
Moagem de trigo e fabricação de derivados	7.628	16.582	33.524	19.828	39.436
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	3.426	4.838	9.966	14.801	12.214
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	50.509	45.177	69.310	44.601	39.216
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	92.863	99.728	99.080	80.336	80.170
Fabricação de alimentos para animais	208.017	225.003	266.959	278.086	272.003
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	156.316	181.985	199.192	213.030	210.873
Torrefação e moagem de café	10.120	12.809	13.176	11.692	9.740
Fabricação de produtos à base de café	592.752	616.094	659.890	590.697	577.153
Fabricação de produtos de panificação	15.616	16.029	18.429	19.329	22.415
Fabricação de biscoitos e bolachas	78.312	74.071	91.592	100.625	102.935
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	510.685	541.081	519.243	511.843	453.155
Fabricação de massas alimentícias	7.476	10.521	10.156	10.258	9.283
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	14.713	16.422	24.774	29.742	23.541
Fabricação de alimentos e pratos prontos	582.795	604.838	554.032	345.444	331.691
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	392.830	379.128	387.222	423.665	472.350
Total	13.004.203	11.980.479	12.100.183	13.842.499	12.274.802

Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Contribuiu para essa queda a retração das exportações de um segmento que possui volumes consideráveis de exportações entre os analisados, fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho (-6%), segmento este que inclui o óleo bruto de soja.

No primeiro trimestre de 2020 as exportações somaram US\$ 2,55 bilhões, queda de 6,7% em relação ao mesmo período de 2019, o que sinaliza uma perspectiva de queda ao final ano, provavelmente em uma dimensão ainda maior, considerando a pandemia do COVID-19 e a

consequente crise econômica que está atingindo grande parte dos países do mundo.

No que diz respeito às importações (Tabela 4), observou-se também certa oscilação, com crescimento entre 2015 e 2017 e queda nos anos seguintes. Entretanto, os valores envolvidos são bem menores do que aqueles das exportações, o que é esperado, em função da expertise do Brasil como grande fornecedor mundial de alimentos. Considerando o agregado das classes analisadas, a crescimento das importações chegou a 6,9% entre 2015 e 2019.

Tabela 4 – Importações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2015-2019⁽¹⁾

Classes CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de conservas de frutas	293.530	265.952	299.769	314.669	303.016
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	538.017	575.941	591.107	530.441	560.490
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	19.618	26.868	22.606	16.377	12.787
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	62.205	75.585	96.080	77.211	83.774
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	660.963	689.900	793.146	840.319	672.129
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	82.637	97.120	100.137	107.385	113.072
Preparação do leite	452	1.392	630	88	86
Fabricação de laticínios	450.437	683.446	594.454	519.400	492.694

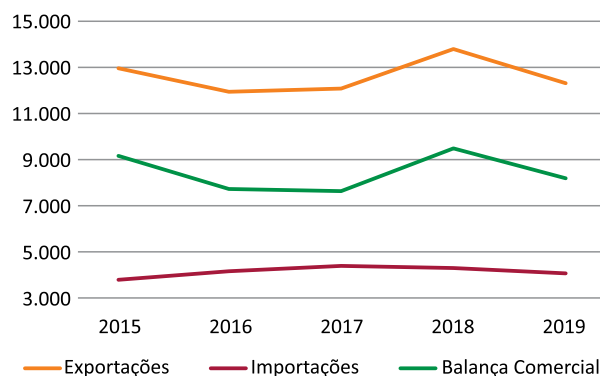
Classes CNAE	2015	2016	2017	2018	2019
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	10.630	7.498	8.831	12.483	9.581
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	135.362	263.859	295.532	202.154	224.490
Moagem de trigo e fabricação de derivados	124.090	131.976	132.236	124.741	133.159
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	353	418	879	849	1.143
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	2.258	3.961	2.682	2.212	6.214
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	74.463	76.138	79.936	87.312	81.099
Fabricação de alimentos para animais	260.976	234.110	255.392	272.310	260.279
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	131.750	118.355	136.752	177.649	181.370
Torrefação e moagem de café	67.042	53.648	73.845	60.976	73.879
Fabricação de produtos à base de café	17.009	7.402	7.634	8.235	7.830
Fabricação de produtos de panificação	4.551	3.322	4.091	4.447	4.580
Fabricação de biscoitos e bolachas	38.510	25.450	33.401	36.468	34.428
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	318.787	386.493	390.454	418.472	372.102
Fabricação de massas alimentícias	31.332	28.097	36.910	37.755	36.734
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	44.209	33.527	36.618	37.878	40.672
Fabricação de alimentos e pratos prontos	88.395	95.229	54.915	49.412	33.390
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	372.901	326.021	378.944	392.741	353.891
Total	3.830.476	4.211.708	4.426.982	4.331.982	4.092.886

Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
 Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

No primeiro trimestre de 2020 as importações somaram US\$ 1,09 bilhão, crescimento de 7,4% em relação ao mesmo período de 2019, o que sinaliza uma perspectiva de crescimento durante o ano, revertendo o cenário observado entre 2018 e 2019. Entretanto, a pandemia do COVID-19 pode influenciar essa trajetória, em função da queda do consumo de algumas classes de alimentos no mercado interno, que já vem sendo observada (ver box sobre efeitos do COVID-19 na indústria de alimentos).

Os dados mostram que a balança comercial da indústria de alimentos brasileira foi amplamente superavitária no período analisado, o que é condizente com o comentário anterior de que o Brasil é mundialmente conhecido como país fornecedor de alimentos para o resto do Mundo (**Gráfico 1**), embora o superávit tenha leve tendência de queda em função da diminuição das exportações e relativa estabilidade das importações.

Gráfico 1 – Balança comercial da indústria de alimentos brasileira no período 2015-2019 (US\$ milhões FOB)



Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
 Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de produtos alimentícios, as tabelas 5 e 6 apresentam, respectivamente, os dez principais países destinos das exportações e os dez principais países de origem das importações em diferentes anos.

Tabela 5 – Principais países de destino das exportações brasileiras de produtos alimentícios¹ (US\$ FOB): 2010 x 2014 x 2019

Países	2010	%	2014	%	2019	%
Países Baixos	2.325.940.408	19,5%	2.841.742.514	19,7%	1.605.736.440	13,0%
Estados Unidos	803.136.605	6,7%	868.873.777	6,0%	923.885.427	7,5%
Bélgica	774.605.091	6,5%	744.573.373	5,2%	889.581.054	7,2%
Alemanha	692.555.723	5,8%	1.026.743.949	7,1%	662.503.236	5,4%
Tailândia	486.835.366	4,1%	624.791.975	4,3%	648.661.112	5,3%
França	862.314.401	7,2%	881.728.029	6,1%	620.427.721	5,0%
Indonésia	214.781.738	1,8%	753.805.603	5,2%	581.450.725	4,7%
Coreia do Sul	353.136.745	3,0%	429.056.148	3,0%	529.096.135	4,3%
Japão	210.957.797	1,8%	285.822.507	2,0%	390.383.452	3,2%
China	920.193.261	7,7%	525.158.760	3,6%	356.634.301	2,9%
Sub-total	7.644.457.135	64,2%	8.982.296.635	62,2%	7.208.359.603	58,5%
Outros	4.270.032.063	35,8%	5.447.612.364	37,8%	5.120.870.979	41,5%
Total	11.914.489.198	100,0%	14.429.908.999	100,0%	12.329.230.582	100,0%

Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Tabela 6 – Principais países de origem das importações brasileiras de produtos alimentícios¹ (US\$ FOB): 2010 x 2014 x 2019

Países	2010	%	2014	%	2019	%
Argentina	1.020.565.455	29,4%	1.035.343.484	22,5%	974.958.798	23,8%
Portugal	142.270.377	4,1%	231.189.193	5,0%	284.793.715	7,0%
Uruguai	345.496.689	9,9%	289.436.576	6,3%	251.613.063	6,1%
Estados Unidos	230.243.865	6,6%	363.649.399	7,9%	246.924.932	6,0%
Indonésia	323.152.556	9,3%	411.880.441	8,9%	203.828.074	5,0%
Paraguai	104.689.965	3,0%	177.096.210	3,8%	194.336.403	4,7%
China	158.219.426	4,6%	208.478.729	4,5%	186.251.831	4,6%
Alemanha	95.908.484	2,8%	121.769.872	2,6%	151.989.448	3,7%
Países Baixos	120.682.060	3,5%	220.777.211	4,8%	151.946.390	3,7%
Itália	83.894.950	2,4%	152.254.680	3,3%	146.768.972	3,6%
Sub-total	2.625.123.827	75,5%	3.211.875.795	69,8%	2.793.411.626	68,3%
Outros	851.582.107	24,5%	1.392.023.001	30,2%	1.299.474.962	31,7%
Total	3.476.705.934	100,0%	4.603.898.796	100,0%	4.092.886.588	100,0%

Fonte: FUNCEXDATA (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Analisando-se os dados de 2019, percebe-se que as exportações de produtos alimentícios têm os países europeus e asiáticos como principais destinos, além dos Estados Unidos. A Holanda (Países Baixos) e a Bélgica, posicionadas como 1º e 3º maiores importadores, possivelmente têm a função de entreposto, tendo em vista a importância dos portos de Roterdã (Holanda) e Antuérpia (Bélgica) como receptores de mercadorias que têm a Europa como destino. Comparando-se os dados de 2010 e 2019 observa-se um aumento importante da participação de alguns países asiáticos (Tailândia, Indonésia, Coreia do Sul, e Japão) e queda de participação da China, o que sinaliza o desbravamento de novos mercados pelos produtos alimentícios brasileiros, mercados estes com alto potencial de consumo por conta dos grandes contingentes populacionais desses países. A diminuição das exportações de

produtos alimentícios industrializados para a China ocorreu simultaneamente com um forte aumento das exportações de alimentos “in natura”, como a soja, por exemplo, o que sinaliza uma diminuição do valor agregado dos produtos alimentícios brasileiros exportados para aquele país.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, destacam-se alguns países da América do Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai), que juntos são responsáveis por 34,6% do valor importado em produtos alimentícios pelo Brasil, apesar da queda de participação da Argentina entre 2010 e 2019. Nesse período observou-se, também, aumento relevante de participação de países europeus como exportadores de alimentos para o Brasil, com destaque para Portugal.

2.2 Emprego e Capacidade Instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou três anos de recuperação, embora em níveis baixos de crescimento do PIB: 1,3% em 2017, 1,3% em 2018 e 1,1% em 2019. Adicionalmente, vive-se um período de inflação dentro da meta e queda dos juros. Entretanto, a taxa de desemprego segue elevada (taxa de desocupação média de 11,9% em 2019, de acordo com a PNAD contínua do IBGE), o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral.

No caso da indústria de alimentos, considerando-se os grupos da CNAE especificados na introdução, no período 2015-2019 houve queda no número de empregos entre 2015 e 2017, com retomada do crescimento do emprego no setor no País em geral a partir de 2018, embora vários estados tenham apresentado nova queda em 2019. Considerando-se todo o período 2015-2019, a taxa de crescimento foi de apenas 0,5% no Brasil, enquanto o Nordeste apresentou decréscimo de 0,7% nos empregos do setor. Em termos de crescimento tiveram destaque nacional os estados do Maranhão (18,8%) e Roraima (53,0%), além do Distrito Federal (24,1%) (Tabela 7), embora sejam unidades da federação com baixa representatividade em termos de participação no emprego do setor no Brasil.

Tabela 7 – Evolução do emprego na indústria de alimentos¹ no período 2015-2019²: Brasil, Nordeste e UF

Estado	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	1.108	989	1.105	1.075	1.033
Alagoas	6.837	6.602	6.411	6.563	6.560
Amapá	755	678	738	873	829
Amazonas	5.721	4.728	3.982	3.917	3.778
Bahia	27.777	26.956	27.979	29.254	28.993
Ceará	33.181	32.863	31.996	33.107	33.052
Distrito Federal	5.395	5.366	5.494	6.440	6.694
Espírito Santo	14.608	14.629	14.752	15.026	14.923
Goiás	41.145	39.363	39.692	40.971	40.971
Maranhão	3.891	4.058	4.230	4.559	4.624
Mato Grosso	11.769	11.624	12.412	12.752	12.787
Mato Grosso do Sul	8.165	7.685	7.617	8.257	8.050
Minas Gerais	103.685	102.091	103.900	106.403	109.263
Pará	14.463	15.409	15.779	16.184	16.855
Paraíba	10.325	10.266	9.882	10.029	9.915
Paraná	71.092	70.390	70.077	70.984	71.107
Pernambuco	31.916	30.567	30.421	30.999	30.021
Piauí	6.616	6.620	6.651	7.107	7.137
Rio de Janeiro	29.312	28.271	27.224	25.803	25.479
Rio Grande do Norte	10.712	10.156	9.788	10.138	10.053
Rio Grande do Sul	66.970	68.485	66.759	69.260	69.101
Rondônia	6.233	6.092	6.363	6.078	6.340
Roraima	521	576	567	640	797
Santa Catarina	42.428	42.317	43.527	45.820	48.097
São Paulo	198.260	191.065	188.690	190.796	190.366
Sergipe	7.408	7.272	7.190	7.350	7.325
Tocantins	2.731	2.624	2.684	2.809	2.900
Região Nordeste	138.663	135.360	134.548	139.106	137.680
Brasil	763.024	747.742	745.910	763.194	767.050

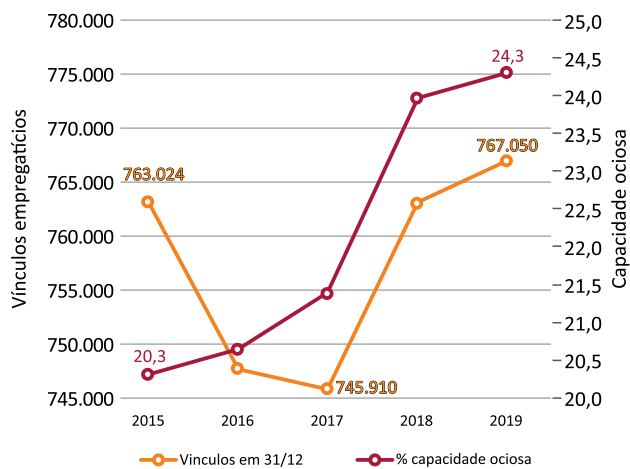
Fonte: RAIS (2020) e CAGED (2020). Elaboração do ETENE/BNB
 otas: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

(2) Dados de 2019 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED

A queda no número de vínculos empregatícios nos 3 primeiros anos foi acompanhada de um aumento da capacidade ociosa do setor conforme esperado. O interessante é que, mesmo com o movimento de retomada do

crescimento do emprego, a ociosidade continuou a aumentar, o que pode estar relacionado com investimentos recentes em modernização e/ou aumento da capacidade (**Gráfico 2**).

Gráfico 2 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa¹ da indústria de alimentos brasileira: 2015 a 2019



Fonte: RAIS (2020) e CNI (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera todos os grupos da CNAE que compõem a indústria de alimentos.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 75,5% (2019) a 79,7% (2015), embora não esteja entre os mais baixos da indústria de transformação, poderia ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente porque a capacidade ociosa está em trajetória crescente nos últimos anos, o que pode ser considerado, conforme supracitado, um indicador de investimentos recentes. Entretanto, como se trata de um índice que considera o agregado de todos os grupos e classes CNAE da indústria de alimentos, não permite uma avaliação mais concreta, pois os diferentes grupos são heterogêneos e comportam diferentes portes de empresas. Setores caracterizados pela dominância de empresas de menor porte (por exemplo, indústria de panificação) são mais sensíveis aos movimentos de aumento da demanda, o que tem impacto sobre a decisão de aumento da capacidade.

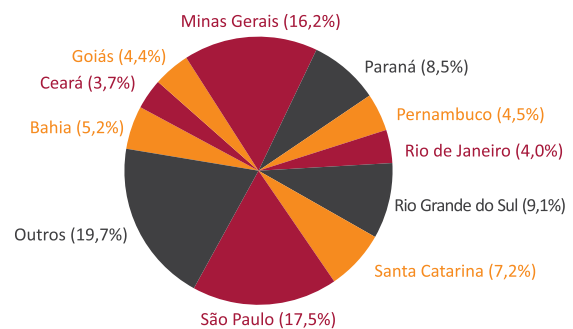
3 DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

A indústria de alimentos, considerando-se todos os seus grupos e classes da CNAE, constitui o setor da indústria de transformação brasileira de maior importância em termos de geração de empregos, englobando 22,6% de todos os empregos formais da indústria de transformação em 2018. Na Região Nordeste, a importância da indústria de alimentos é ainda maior, tendo em vista que é responsável por 27,8% dos empregos formais da indústria de transformação em 2018.

Considerando-se apenas os grupos CNAE que são objeto da presente análise, a distribuição geográfica das empresas guarda certa relação com a distribuição da população brasileira, tendo em vista que alguns setores da indústria de alimentos têm forte viés de descentralização da produção de acordo com a distribuição do mercado consumidor. Nesse sentido, os estados mais populosos

são aqueles que concentram a maior quantidade de estabelecimentos ligados à indústria de alimentos (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos¹ em 2018

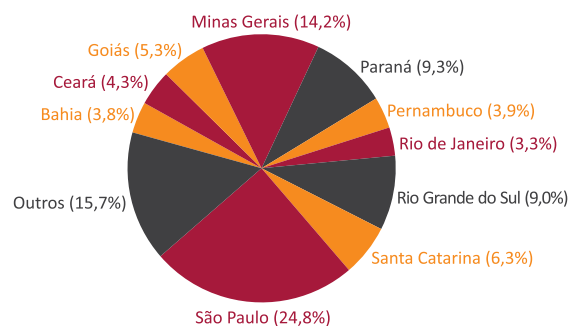


Fonte: RAIS (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos é o Pará, em função da maior importância do setor no estado de Goiás (12º estado mais populoso).

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que não se observou mudança na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios, considerando-se para os empregos os dados de 2019 (Gráfico 4), a partir do uso conjunto dos dados da RAIS (até 2018) e do CAGED (saldo de dezembro/2019). Entretanto, entre os dez estados com maior número de empregos no setor, houve aumento da concentração dos empregos no estado de São Paulo (24,8%) em 2019 em comparação com o número de estabelecimentos (17,5%) em 2018, o que sinaliza que predominam em São Paulo empresas de maior porte na indústria de alimentos. Essa mesma lógica se aplica a outros estados como Ceará, Goiás e Paraná. Nos demais estados, percebe-se lógica inversa, com exceção do Rio Grande do Sul, estado onde a participação relativa no número de empresas e empregos é igual.

Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de alimentos¹ brasileira em 2019



Fonte: RAIS (2020) e CAGED (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Em termos de evolução das quantidades de empregos (Tabela 8), não foram observadas mudanças significativas de representatividade dos estados no período 2015-2019.

Tabela 8 – Distribuição geográfica (%) dos empregos da indústria de alimentos¹: 2015 a 2019

Estado	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Alagoas	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%
Amapá	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Amazonas	0,7%	0,6%	0,5%	0,5%	0,5%
Bahia	3,6%	3,6%	3,8%	3,8%	3,8%
Ceará	4,3%	4,4%	4,3%	4,3%	4,3%
Distrito Federal	0,7%	0,7%	0,7%	0,8%	0,9%
Espírito Santo	1,9%	2,0%	2,0%	2,0%	1,9%
Goiás	5,4%	5,3%	5,3%	5,4%	5,3%
Maranhão	0,5%	0,5%	0,6%	0,6%	0,6%
Mato Grosso	1,5%	1,6%	1,7%	1,7%	1,7%
Mato Grosso do Sul	1,1%	1,0%	1,0%	1,1%	1,0%
Minas Gerais	13,6%	13,7%	13,9%	13,9%	14,2%
Pará	1,9%	2,1%	2,1%	2,1%	2,2%
Paraíba	1,4%	1,4%	1,3%	1,3%	1,3%
Paraná	9,3%	9,4%	9,4%	9,3%	9,3%
Pernambuco	4,2%	4,1%	4,1%	4,1%	3,9%
Piauí	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%	0,9%
Rio de Janeiro	3,8%	3,8%	3,6%	3,4%	3,3%
Rio Grande do Norte	1,4%	1,4%	1,3%	1,3%	1,3%
Rio Grande do Sul	8,8%	9,2%	9,0%	9,1%	9,0%
Rondônia	0,8%	0,8%	0,9%	0,8%	0,8%
Roraima	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Santa Catarina	5,6%	5,7%	5,8%	6,0%	6,3%
São Paulo	26,0%	25,6%	25,3%	25,0%	24,8%
Sergipe	1,0%	1,0%	1,0%	1,0%	1,0%
Tocantins	0,4%	0,4%	0,4%	0,4%	0,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: RAIS (2020) e CAGED (2020). Elaboração do ETENE/BNB.
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Conforme citado anteriormente, trata-se de um setor com alta relevância na indústria de transformação nordestina, sendo que a Região concentrava 21,7% dos estabelecimentos e 18,2% do emprego em 2018. O percentual de estabelecimentos maior do que o percentual de empregos, algo que ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, indica que, comparativamente à região Sudeste, há predominância de empresas de menor porte na indústria de alimentos nestas regiões, incluindo o Nordeste.

Apesar dessa característica predominante, existem grandes empresas nordestinas da indústria de alimentos que possuem relevância no mercado nacional, em seus respectivos segmentos. Destaca-se o grupo M Dias Branco, com sede no estado do Ceará e operações de produção e logísticas em diversos estados brasileiros, que atua no segmento de massas e biscoitos e se consolidou nos últimos anos entre os 10 maiores fabricantes de alimentos do Brasil (8ª posição em 2019, conforme Quadro 1). A empresa faturou, em 2019, R\$ 6,32 bilhões, crescimento de 3,77% em relação a 2018. Duas estratégias têm sido características do grupo nos últimos anos para sustentar seu crescimento, a verticalização e a aquisição.

Também merece destaque a 3 Corações Alimentos, igualmente com sede no estado do Ceará e operações fabris nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Minas Gerais (Montes Claros, área de atuação do BNB) e Rio de Janeiro, além de centros de distribuição em todos os estados brasileiros. O café é o principal produto fabricado (torrefação, moagem e embalagem), mas a empresa tem diversificado seu portfólio, principalmente por meio de operações de *Joint Venture* e aquisições. A empresa faturou, em 2018, R\$ 3,99 bilhões, crescimento de 7,39% em relação a 2018.

4 PERSPECTIVAS¹

Em termos de perspectivas de mercado, conforme citado anteriormente, os produtos alimentícios têm enfrentado um cenário de dificuldade de crescimento, especialmente em mercados-chave, tais como os Estados Unidos e a Europa Ocidental. O crescimento anual das vendas de alimentos embalados tem se mantido em níveis baixos. Em 2019 o crescimento nas vendas foi de 1,6%, atingindo um volume de vendas de US\$ 2,4 trilhões. Esse volume de vendas deve atingir US\$ 3,1 trilhões até 2024 (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2020). Em linhas gerais, a realidade atual da indústria de alimentos é operar em um mercado de baixo crescimento, com grandes desafios para os maiores *players* do setor.

Em função dessa realidade, as empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios embalados e, conseqüentemente, deverão direcionar suas estratégias de produção e distribuição ao encontro dessas tendências. Euromonitor International (2020) destaca seis importantes tendências, apresentadas no Quadro 2, bem como as implicações associadas a cada uma delas.

¹ Essas perspectivas foram traçadas sem que se considerasse os efeitos da COVID-19. Por conta disso, foi elaborado um Box (ver adiante) que discorre sobre os possíveis efeitos da pandemia na indústria de alimentos.

Quadro 2 – Seis tendências associadas aos alimentos embalados

Tendência	Implicações esperadas no longo prazo
Nutrientes funcionais	Na mente dos consumidores, a nutrição não é mais uma missão de profissionais da área médica, mas um componente do estilo de vida. Alimentos mais naturais, e os benefícios nutritivos naturais dos ingredientes, são procurados.
Indulgência permissível	Um foco maior na nutrição e na saúde mental resulta em mais legitimidade para momentos de indulgência alimentar. Prazer em se alimentar está cada vez mais associado à novidade e a uma imagem mais <i>premium</i> .
Nova equação de valor	À medida que os assalariados de baixa renda têm uma presença demográfica mais importante no mundo, os alimentos embalados precisam cada vez mais serem acessíveis. As credenciais nutricionais devem fazer parte da fórmula para combater a deficiência de micronutrientes e a obesidade.
Entrega de comida (<i>food delivery</i>)	O varejo de alimentos embalados incluirá mais rotas para o consumidor e serviços mais personalizados. Modelos de comércio eletrônico e assinatura são um caminho importante, enquanto empacotar corretores e lojas livres de embalagem (<i>granel</i>) ganharão visibilidade.
Alimentação baseada em plantas	Impulsionado pelas tendências ambientais e de saúde, alimentos à base de plantas estão rapidamente se tornando mais amplamente aceitos. Análogos de carne e alternativas de laticínios serão os principais benfeitores.
Sustentabilidade	Os resíduos de plástico representam a ponta do iceberg. O desafio mais amplo da sustentabilidade garante uma abordagem holística e de longo prazo que não olhe apenas para a embalagem como um todo; mas também aborde mudanças climáticas, pobreza e desperdício de alimentos.

Fonte: Adaptado de Euromonitor International (2020).

Nos próximos cinco anos (2020-2024) o aumento do valor das vendas de alimentos embalados serão consequência também devido a mudanças no comportamento do consumidor, com o aumento da frequência do consumo de alimentos, especialmente lanches/aperitivos (*snacks*), juntamente com a *premiumização* (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2020). Os varejistas continuam sendo o maior canal de crescimento para as vendas de alimentos embalados em todo o mundo. No entanto, melhorar a experiência dos consumidores na loja é mais importante do que nunca, diante do rápido crescimento das vendas on-line. Iniciativas como lojas próprias (por exemplo, as lojas de rótulos KitKat e Lindt), ou a abertura de uma “Experiência Gourmet” com alimentos premium, como a ofertada pelo varejista espanhol El Corte Inglés, são oportunidades para as marcas elevarem sua imagem.

Essas tendências apresentadas, que se aplicam ao mercado global de produtos alimentícios, também devem ser consideradas no mercado brasileiro e nos mercados regionais, inclusive do Nordeste, logicamente considerando-se também as particularidades locais.

Os líderes da indústria de alimentos embalados no Brasil continuam sendo empresas multinacionais, que participam de vários segmentos, como Nestlé, Lactalis, Mondelez e PepsiCo. Essas empresas têm continuamente perdido participação de mercado em valor de vendas em várias frentes. Em todo o mundo, a fortaleza dos principais proprietários de marcas está enfraquecendo sutilmente, o que ocorre juntamente com uma polarização em direção a bens mais acessíveis, por um lado, e variantes mais sofisticadas, por outro. No entanto, espera-se que os principais *players* se mostrem resilientes com a aquisição estratégica de possíveis marcas disruptivas.

Já no Brasil, as grandes empresas do setor têm inovado para buscar a manutenção da participação no mercado em relação às marcas próprias e marcas locais. A gigante global Nestlé manteve sua liderança em alimentos emba-

lados em 2019 graças ao seu amplo portfólio, cadeia de distribuição bem desenvolvida e intensa inovação. Enquanto outras empresas globais, como Mondelez e PepsiCo, conseguiram ganhar participação marginalmente. Um crescimento de vendas mais forte e constante foi registrado pelas empresas locais e por marcas próprias de grandes varejistas. Esses players fizeram melhorias em seus produtos, mantendo preços acessíveis. Consequentemente, eles estão atraindo muitos consumidores, oferecendo preços mais baixos, além de um nível de qualidade semelhante em comparação às marcas líderes. Isso ajudou a economia de marcas locais e de marcas próprias a ir além de uma imagem inferior. Em alguns casos, como o da marca Taeq, do Grupo Pão de Açúcar, os produtos são vistos como *premium* e até “descolados” da empresa proprietária. Pressupostos pré-concebidos negativos em relação à qualidade das marcas próprias continuarão sendo anulados lentamente e a oferta de alternativas mais saudáveis e/ou premium acessíveis será essencial para impulsionar as vendas de marcas próprias. Isso acabará por desafiar os produtos de marca, que devem competir em termos de preço e visibilidade (EUROMONITOR INTERNATIONAL, 2019).

Outra questão importante a ser considerada na discussão sobre as perspectivas para o mercado brasileiro de alimentos é a regulação. No Brasil, por exemplo, a saúde pública continua sendo uma questão fundamental, com cerca de 23% da população adulta (18 anos ou mais) sendo obesa. De acordo com Euromonitor International (2019), iniciativas governamentais, como a publicação do Guia Alimentar e novos regulamentos de rotulagem, provavelmente impactarão negativamente as vendas de várias categorias de alimentos embalados nos próximos anos, como biscoitos doces, carnes processadas e lanches salgados. A nova rotulagem é discutida no Brasil há anos e, em setembro de 2019, a ANVISA propôs mudanças que incluem avisos destacados nas embalagens para altos níveis de sódio, gordura saturada e açúcar. Uma mudança regulatória semelhante ocorreu no Chile em 2016 e essas

mudanças continuam até hoje impactando as vendas de alimentos embalados naquele país. As empresas no Chile foram forçadas a reformular os produtos, enquanto os pais se tornaram mais conscientes dos ingredientes nos produtos que dão aos filhos. Além disso, os consumidores começaram a procurar opções naturais e nutritivas, que favoreciam produtos como confeitaria de chocolate amargo. No geral, o consumo diminuiu imediatamente após as alterações na rotulagem feitas no Chile, e depois se recuperaram lentamente, mostrando que o efeito negativo diminuiu à medida que os consumidores se acostumaram aos avisos. Espera-se que o cenário seja semelhante no Brasil, com redução das vendas da maioria dos produtos com alto teor de açúcar, gordura saturada e sódio.

De acordo com Euromonitor International (2019), as vendas de alimentos embalados no Brasil, em reais (valores deflacionados a preços de Dez/2019), devem crescer 18,4% entre 2020 e 2024, o que representa um crescimento de 3,4% ao ano. Apesar dessa perspectiva de crescimento, permanecem algumas preocupações importantes

para a indústria de alimentos brasileira, especialmente em termos de progresso em relação à regulação, conforme supracitado.

Em linhas gerais, entende-se que a indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que mais necessitam de descentralização da produção, tendo em vista a perecibilidade dos insumos utilizados. Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem ser analisadas a partir do conhecimento da demanda local. Logo, vislumbra-se a necessidade de investimentos para a oferta de produtos alimentícios industrializados em estados que são mais isolados geograficamente em relação aos demais e possuem menor oferta desses produtos, tais como o Piauí e o Maranhão. Ademais, investimentos para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, também são perfeitamente cabíveis.

BOX: Efeitos da COVID-19 na Indústria de Alimentos

O surto de Covid-19, que inicialmente restringia-se à Ásia (especialmente na China) e Europa, espalhou-se para todos os continentes, incluindo o Brasil. Além de trazer forte impacto na questão da saúde, a pandemia vem trazendo também impactos econômicos e sociais relevantes, os quais são de difícil previsibilidade, inclusive na questão da duração temporal desses impactos. Pelo fato de ter se iniciado na China, com conseqüências em várias atividades econômicas daquele país, os primeiros impactos na economia global estão relacionados às atividades com perfil exportador para aquele país (por exemplo, commodities agrícolas e minerais), bem como as atividades industriais, que têm a China como principal fornecedor de insumos, que podem ter problemas de desabastecimento de peças e componentes. Adicionalmente, algumas atividades terão forte queda da demanda, especialmente aquelas associadas a aglomerações de pessoas (por exemplo, eventos, educação, bares e restaurantes), ou que dependem da mobilidade entre regiões e países (turismo).

No caso da indústria de alimentos, pode haver impactos diferentes nos vários subsetores, tendo em vista a heterogeneidade da referida indústria. Entretanto, como os alimentos são itens de primeira necessidade, essa indústria deve sofrer efeitos mais brandos do que diversos outros setores da indústria de transformação. Os maiores impactos ocorrerão naqueles segmentos que produzem alimentos com alto nível de consumo no chamado mercado "on-trade", que inclui bares, restaurantes, hotéis, cafés etc., pois tais pontos de venda estão sendo proibidos de funcionar na maioria das grandes cidades brasileiras em função da necessidade de isolamento social. Apenas com a evolução da pandemia no país e um melhor entendimento dos efeitos da mesma na saúde das pessoas e na capacidade de atendimento das unidades hospitalares, é que tais medidas restritivas poderão ser aos poucos retiradas. Além das medidas que restringem a circulação de pessoas, o impacto econômico na indústria de alimentos advirá, também, da provável queda da renda da maioria da população devido à crise que se instalou no país como conseqüência da pandemia, que poderá ter efeitos de médio prazo (perdurando mesmo após volta da "normalidade" nas diferentes cidades, estados e regiões). Essa queda da renda terá menor efeito nos alimentos essenciais (por exemplo, aqueles que compõem a cesta básica), e, por outro lado, maiores efeitos em produtos com características de premiumização.

Considerando-se os grupos e classes CNAE englobadas pelo presente estudo e um cenário de curto prazo (até a suspensão total das medidas relacionadas ao chamado isolamento social horizontal), estima-se diferentes níveis de impacto relacionados à pandemia do COVID-19 (em nível de grupo):
 Fabricação de conservas de frutas: médio impacto (alimentos não essenciais)
 Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais: médio impacto (alimentos não essenciais)

Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes médio impacto (alimentos não essenciais)

Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais: baixo impacto (cesta básica)

Preparação do leite: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de laticínios: médio impacto (considerando derivados como queijos e iogurtes)

Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis: alto impacto (forte dependência do mercado on-trade)

Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz: baixo impacto (cesta básica)

Moagem de trigo e fabricação de derivados: médio impacto (possibilidade de problemas de abastecimento)

Fabricação de farinha de mandioca e derivados: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho: baixo impacto

Fabricação de alimentos para animais: médio impacto (demanda dependente da pecuária)

Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente: médio impacto

Torrefação e moagem de café: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de produtos à base de café: médio impacto (alimentos não essenciais)

Fabricação de produtos de panificação: médio impacto (menor circulação de pessoas nas lojas)

Fabricação de biscoitos e bolachas: médio impacto (alimentos não essenciais)

Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos: alto impacto (ligados à premiumização)

Fabricação de massas alimentícias: baixo impacto (cesta básica)

Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos: médio impacto

Fabricação de alimentos e pratos prontos: alto impacto (ligados à premiumização)

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. Números do setor – Faturamento. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2018.pdf> Acesso em 05 Fev. 2020a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. Indústria de alimentos cresce 6,7% em 2019. Disponível em https://www.abia.org.br/vsn/tmp_2.aspx?id=422 Acesso em 28 Fev. 2020b.

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged.php> Acesso em 30 Abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. Indicadores industriais. Disponível em <http://www.portal-daindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 13 Fev. 2020.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Packged food global industry overview**. London: Euromonitor International, 2020

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **World market for packaged food**. London: Euromonitor International, 2018.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Packaged food in Brazil**. London: Euromonitor International, 2019.

FUNCEXDATA. Estatísticas de comércio exterior. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 14 Fev. 2020 (Acesso Restrito).

KÜSTER, N.; FOLEY, S. R.; CHASEN, R. Managing regulatory and compliance challenges in the food industry. **Risk & Compliance Magazine**, p. 1-13, Jul-Set 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa industrial anual – PIA Produto. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-produto/tabelas/brasil/2017> Acesso em 11 Fev. 2020.

RAIS - Relação anual de informações sociais. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 12 Fev. 2020.

SERASA EXPERIAN. Setorise Alimentos Novembro 2014. Disponível em <http://d001wwwv06/ambestudospesqaval/analissetoriais/docs/setorise/brasil/Alimentos.pdf> Acesso em 17 Nov. 2016 (Acesso Restrito).

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Grãos (1ª safra) - 5/2020
- Mel - 04/2020
- Comércio exterior do Nordeste - 03/2020
- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019

INDÚSTRIA

- A Indústria Têxtil no Nordeste, Norte de Minas e Norte do Espírito Santo - Contextualização e perspectivas - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Energia Solar - 03/2020
- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento - 06/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Shopping Centers - 02/2020
- Turismo - 12/2019
- Serviços 2019/2020 - 11/2019
- Comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - 08/2019
- Hoteleiro - 08/2019
- Saúde - 07/2019
- Shopping Centers - 02/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

Análise setorial	Previsão 2020
Saneamento	Abril
Indústria da construção civil	Maio
Indústria de bebidas alcoólicas	Maio
Cocoicultura	Maio
PET	Junho
Sucroenergético	Junho
E-commerce	Junho
Energia eólica	Julho
Indústria de bebidas não alcoólicas	Julho
Produção de mandioca - raiz, farinha e fécula	Julho
Silvicultura	Julho
Indústria siderúrgica	Agosto
Grãos (2ª safra)	Agosto
Móveis	Agosto
Bovinicultura leiteira	Agosto
Biocombustíveis	Agosto
Hotelaria	Agosto
Microgeração de energia	Setembro
Indústria petroquímica	Setembro
Floricultura	Setembro
Algodão	Outubro
Fruticultura	Outubro
Turismo	Outubro
Rochas ornamentais	Novembro
Petróleo e gás natural	Novembro
Hortaliças	Novembro
Cafeicultura	Dezembro
Aquicultura e pesca	Dezembro
Shopping Center	Dezembro
Telecomunicações	Julho
Micro e pequenas empresas	Março
Saúde	Novembro
Setor têxtil	Setembro
Vestuário	Maio
Comércio	Dezembro
Serviços	Dezembro